

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

ANDREZA BRAGA MODESTO

**ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *QUARENTA DIAS* (2014), DE MARIA
VALÉRIA REZENDE**

CURITIBA

2022

ANDREZA BRAGA MODESTO

**ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *QUARENTA DIAS* (2014), DE MARIA
VALÉRIA REZENDE**

Monografia de Especialização apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM *QUARENTA DIAS* (2014), DE MARIA
VALÉRIA REZENDE

por

ANDREZA BRAGA MODESTO

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 8 de março de 2022.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Orientador

Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin
Membro titular

Profa. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

Dedico este trabalho aos meus pais, Vandineia Modesto e
José Luis Modesto, os quais sempre estiveram ao meu
lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima, pela sabedoria e por ter me guiado nesta trajetória.

Aos meus pais, Vandineia Modesto e José Luis Modesto, por acompanharem os meus passos, pelo suporte emocional e amoroso, por oferecem muito mais do que eu consigo retribuir. Um dia ainda serei grande como os meus pais e serei simples como sempre foram. Sem eles nada disso faria sentido algum para mim.

Ao meu irmão, Diego, pelo amor e bondade, por ser minha maior influência literária, que me fez escolher o caminho das letras e por continuar me presentando com livros até hoje.

Aos meus avós, Nezilda e Agenor, por me olharem como se eu ainda fosse aquela mesma menina seguindo os meus sonhos. E esse olhar não deixa de ter toda a razão.

Às e aos meus tios, primos e primas, pelo apoio e por acreditarem em mim.

Aos meus amigos íntimos: Adriane, Arlena, Daymerson, Edilene, Randell e Yara, por serem gigantes e valentes, inspirações na minha vida, irmãos que sinto saudades e carrego comigo onde quer que eu esteja.

À Yara Almeida, por me acompanhar há anos em meu trajeto pessoal e acadêmico, até numa viagem que mudou a minha vida.

À Heulália Passos, pela sensibilidade desmedida e por respeitar as minhas horas de silêncio.

Ao meu querido amor, Fernando, que não é o Pessoa, mas é o Zelinski, o qual topou viver essa coisa louca chamada de amor, por partilhar a vida boa comigo e por termos em nós todos os sonhos do mundo.

À Tuca, pela amorosidade e paixão ao olhar para o mundo e para as pessoas.

Aos meus professores amados, responsáveis pela minha formação, pela troca de conhecimentos, que me fazem seguir firme na carreira de docência.

Às e aos colegas de turma pelas discussões em sala, pela inteligência e pela acolhida.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná, que me recebeu nesta fase de formação e continua acolhendo no mestrado e estágio.

Aos amigos que fiz nesta cidade fria e estranhamente bonita, a todos aqueles que me ajudaram, os seus nomes, um a um, estão guardados em minha memória, história e coração.

Aos demais, envio uma mensagem dizendo: Eu estou bem e continuo me realizando nesse processo inacabado que é a vida, ainda bem.

Esquecemos depressa, aliás, o que não pensamos com
profundeza, o que nos foi ditado pela imitação, pelas
paixões que nos cercam. Mudam estas e com elas se
modifica a nossa lembrança.
(Marcel Proust).

Parece tão distante
O vazio entre mim e aqueles dias
Ainda tão vivos e presentes em minha mente,
Que às vezes, quando penso neles, vislumbro
Duas consciências: uma de mim,
Outra de outro ser qualquer.
(William Wordsworth).

RESUMO

MODESTO, Andreza Braga. **Espaço, memória e identidade em *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende**. 37 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2022.

As tendências da literatura brasileira contemporânea têm mostrado a representação do espaço e da experiência subjetiva do indivíduo. O propósito deste trabalho consiste em analisar a obra *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende. A autora brasileira trabalha com temas importantes em sua literatura, tais como: a proposta de uma visão social e política, crítica feminista, movimentos migratórios, a relação entre espaço, memória e identidade. A narrativa em questão apresenta-se como um romance cujo tema é o deslocamento geográfico. Alice, a protagonista, se muda de Paraíba para Porto Alegre para acompanhar os planos de gravidez da filha. Conquanto, a história desdobra-se com o desaparecimento de Cícero Araújo. A narradora dedica-se a essa busca para encontrá-lo. Assim, *Quarenta dias* torna-se referência ao tempo vivenciado nas ruas, transitando e dormindo pelos cantos da cidade. Brandão e Pessôa (2019) já diziam que as transformações no espaço acontecem por conta do sujeito de memória, o qual pretende solidificar a construção textual a partir da materialização de determinados lugares como: casas, ruas, bairros, cidades. Com base nessas reflexões, este trabalho, portanto, investigou o espaço da cidade como reflexo da memória e identidade no romance da escritora Maria Valéria Rezende. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo, pautada na análise literária e ancora-se no método bibliográfico-exploratório. Os instrumentos de coletas de dados levaram em consideração o romance, como elemento essencial, à luz dos suportes teóricos principais para análise tais como Luis Alberto Brandão e Silvana Pessôa (2019), Walter Benjamin (2020), Yi-Fu Tuan (1980 e 2015), Jeanne Gagnebin (2009) e Aleida Assmann (2011).

Palavras-chave: Romance. Memória. Identidade. Espaço Ficcional. Maria Valéria Rezende.

ABSTRACT

Trends in contemporary Brazilian literature have shown the representation of space and the individual's subjective experience. The purpose of this dissertation is to analyze the novel *Quarenta dias* (2014), by Maria Valéria Rezende. The Brazilian author works with important themes in her literature such as: the proposal of a social and political vision, feminist criticism, migratory movements, the relationship between space, memory and identity. The narrative presents itself as a novel whose theme is geographical displacement. Alice, the protagonist, moves from Paraíba to Porto Alegre to monitor her daughter's pregnancy plans. However, the story unfolds with the disappearance of Cícero Araújo. The narrator is dedicated to this quest to find him. Thus, *Quarenta dias* becomes a reference to the time experienced on the streets, traveling and sleeping on the corners of the city. Brandão and Pessôa (2019) have already said that the transformations in space happen because of the subject of memory, who intends to solidify the textual construction from the materialization of certain places such as houses, streets, neighborhoods, cities. Based on these reflections, this work, therefore, investigates the city's space as a reflection of memory and identity in the novel by writer Maria Valéria Rezende. Methodologically, the research is qualitative, based on literary analysis and anchored in the bibliographic-exploratory method. The data collection instruments took into account the novel as an essential element, taking advantage of the main theoretical supports for analysis such as Luis Alberto Brandão and Silvana Pessôa (2019), Walter Benjamin (2020), Yi-Fu Tuan (1980 and 2015), Jeanne Gagnebin (2009) and Aleida Assmann (2011).

Keywords: Novel. Memory. Identity. Fictional space. Maria Valéria Rezende.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Anúncio de apartamento	29
Figura 2 - Cartão Publicitário Pet Shop.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ESPAÇO FICCIONAL.....	13
2.1 LITERATURA DE MARIA VALÉRIA REZENDE: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS	18
3. METODOLOGIA	21
4. ANÁLISE DO ROMANCE <i>QUARENTA DIAS</i>	23
4.1 ESPAÇOS DA MEMÓRIA E IDENTIDADE	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Maria Valéria Rezende trabalha com temas importantes em sua literatura, tais como – a proposta de uma visão social e política, crítica feminista, discursos produzidos nos interstícios da experiência social vivida pelas personagens. Sua produção contemporânea vem alcançando marcas literárias distintivas na contemporaneidade, por apresentarem eixos temáticos que oscilam entre movimentos migratórios, a precarização do trabalho, o problema das pessoas desaparecidas, a marginalização do espaço rural e urbano.

Tomando essa variedade de temas, no entanto, este trabalho concentra-se em analisar o espaço da cidade como reflexo da memória e identidade no romance. Para isso, são analisados o espaço, a memória e a identidade como foco principal do livro; busca-se ainda investigar a forma pela qual esses temas se entrecruzam e funcionam como elementos ficcionais da escritora brasileira.

A fim de realizar uma análise da narrativa, este estudo segue alguns procedimentos teóricos que se alicerçam em Walter Benjamin (2020) na obra *Rua de Mão única: Infância berlinense: 1900*, passando pelos questionamentos dos autores Luís Alberto Brandão e Silvana Pessoa em *Sujeito, tempo e espaço ficcionais* (2001), Yi-Fu Tuan nos livros: *Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente* (1980) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2015). Além das teóricas Jeanne Gagnebin no livro *Lembrar esquecer* (2009) e Aleida Assmann em *Espaços da recordação – Formas e transformações da memória cultural* (2011). Assim, o trabalho encontrará base para relacionar essas tendências de estudos literários e culturais contemporâneos.

A justificativa da escolha desse romance deve-se ao interesse atual pela obra, pela relevância literária, pois no livro apresentam-se as vicissitudes dos espaços urbanos, o deslocamento geográfico, os aspectos da memória e identidade. Além disso, o trabalho se alicerça na importância de contribuir em duas frentes que dialogam. Na primeira, para o campo teórico, com a construção dos estudos dos espaços ficcionais em *Literatura Brasileira Contemporânea*. Na segunda, com a literatura que acerca a temática da análise de uma obra ficcional. Do mesmo modo, atende às questões de pensar a experiência estética, a análise literária ligada à temática do espaço ficcional, memória e identidade em um enredo narrativo, que afeta o universo ficcional do romance.

Quarenta Dias conta a história a partir do olhar de Alice, ao anotar num caderno escolar pautado – que ela o chama de Barbie, seu mergulho gradual em dias de desespero, deslocada na cidade e perdida numa periferia empobrecida a que ela não conhece, à procura de um rapaz

que ela não sabe ao certo se existe. Moradora de João Pessoa, até o dia em que larga tudo para se mudar para Porto Alegre (RS). O enredo também começa por um deslocamento geográfico e por uma forte decepção afetiva. A narradora Alice é obrigada a deixar a Paraíba pela insistência de sua única filha, Norinha, que mora em Porto Alegre e quer que a mãe se mude para perto e a ajude com a criança. Conquanto, a reviravolta familiar a deixa abandonada à própria sorte, numa cidade que lhe é estranha, e a impossibilita de voltar ao antigo lar. Ao saber que Cícero Araújo, filho de uma conhecida da Paraíba, desapareceu em algum lugar, ela se lança numa busca incansável. Para descrever sua epopeia, se vale apenas de um caderno escolar e uma esferográfica. Essas vivências rodeadas por sentimentos de estranheza e distanciamento formam o alimento para nutrir sua escrita que se desdobra numa espécie de resgate de memória, uma luta contra o esquecimento e construção da própria identidade.

O escopo desta pesquisa pauta-se pela análise do espaço ficcional e, mais precisamente, o reflexo desse espaço na memória e identidade da personagem. Interessa observar, desse modo, a forma como a cidade é descrita, qual o seu reflexo na memória e identidade da protagonista. A movimentação pelo cenário urbano, ruas, bairros, rodoviárias, formam os desenhos dos mapas de deslocamentos feitos pela personagem Alice. Daí a importância de mapear o olhar de quem vê (DALCASTAGNÈ, 2003).

A literatura de Maria Valéria Rezende é marcada pela demonstração dos espaços geográficos, faz ser o espaço rural do sertão nordestino ou o urbano marcado pelas precariedades da metrópole brasileira. Conquanto, interessa refletir a respeito das representações desse espaço da cidade, a partir das consequências dinâmicas que os seres humanos transitam e se relacionam com os lugares. Além disso, um fator de grande relevância para a narrativa são as recorrentes intertextualidades, o que faz de *Quarenta dias* uma produção pós-moderna consistente. Interessa, antes, perceber até onde a experiência analisada em uma obra literária brasileira se constrói. A intenção é trazer essa reflexão a partir do ponto de vista estrangeiro. Assim, pode ser mencionado que é significativo estudar Maria Valéria. Yis obras engendram temas como os espaços urbanos, o drama de pessoas desaparecidas, memória, questões sociais.

Doravante, a pesquisa científica permitirá expressar os estudos que estão sendo realizados no curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Portanto, torna-se significativo estudar o romance de Maria Valéria Rezende pela sua proposta em trabalhar com os espaços representados pela produção literária brasileira, os quais instauram dissonâncias e diferentes experiências por meio do espaço habitado, o que faz *Quarenta dias* uma produção pós-moderna importante.

2. ESPAÇO FICCIONAL

Este capítulo se ocupa em refletir sobre o espaço ficcional em linhas gerais e relacionar os estudos dos autores. O trabalho será alicerçado, prioritariamente, nos pensamentos de Luis Brandão e Silvana Pessôa (2019) e Walter Benjamin (2020). Com o intuito de corroborar com os pensamentos dos autores, foi possível traçar um paralelo com a teoria defendida por Yi-Fu Tuan (1980 e 2015).

Marisa Gama-Khalil (2010) fornece uma ampla fonte bibliográfica sobre a construção do espaço ficcional, argumentando a respeito da importância de se analisar o espaço como tendência de estudos literários contemporânea, além da relevância para a crítica literária. Por sua vez, a pesquisadora cita e sugere autores cujas pesquisas exploram o espaço como elemento constitutivo da narrativa, como é o caso de Benjamin e Brandão, e uma linha extensa de outros estudiosos.

Brandão e Pessôa (2019, p. 84) concedem algumas discussões pertinentes sobre o espaço, inserido no terceiro capítulo do livro, o qual é dedicado – exclusivamente, para a se pensar o espaço e a literatura. Seguindo de perto o raciocínio, eles advertem que:

[...] as mutações no espaço ocorrem por conta do sujeito de memória, que pretende solidificar a construção textual, simbólica, a partir da materialização de determinados lugares. Casas, ruas, bairros, cidades tornam-se locais privilegiados para a emergência das recordações.

Fundamentados na crítica literária, os autores destacam: “Poderíamos dizer, em uma definição bastante genérica, que o espaço é esse conjunto de indicações – concretas ou abstratas – que constitui um sistema variável de relações” (2019, p. 68). Interessa aqui pensar, a partir de um discurso da experiência que a personagem da narrativa cruza esses espaços, a fim de não encontrar um objetivo, mas – sobretudo -, entrar no jogo de estabelecer relação com o lugar do qual está estreitando identificações. Os autores trabalham com fontes bibliográficas de teóricos que podem ser utilizados para analisar uma narrativa, tal como é o caso de Benjamin.

O filósofo alemão Walter Benjamin admite que sua obra pode ser definida por uma preocupação nuclear com a experiência na metrópole moderna. É sabido que Benjamin, em especial a partir da obra do escritor francês Charles Baudelaire, pensa o espaço da cidade enquanto lugar de emergência de um tipo especial de sujeito: o Flâneur, andarilho que vaga pelas ruas, lançando sobre a cultura urbana um olhar simultaneamente atento e distraído, crítico e cúmplice. (BRANDÃO; PESSOA, 2019, p. 85)

A prosa de Walter Benjamin joga com a imagem de labirinto, ao transmitir a mensagem de se perder nas ruas como se perde numa floresta que, segundo ele, demanda coragem, ou seja, o sujeito escolhe se perder, de modo proposital, para aprender. Noutra observação, o labirinto habita e é muito valorizado no pensamento de Benjamin para se falar sobre a modernidade e sobre a vida. Não só no espaço e lugar, mas também no espaço da memória, que o filósofo traz reflexões importantes. Certamente, a produção literária do filósofo alemão ilustra o movimento de entrar em caminhos bifurcados e o exercício de lembrar de cenas, nas quais estão em constante mudança e escapam às mãos, por serem escorregadias, pois, como adverte Marx, citado por Berman (2007, p. 17): “tudo que é sólido desmancha no ar”. Não à toa, que a cidade pintada por Benjamin aparece como uma personagem, a qual será de certa maneira animalizada, aparecendo como matéria viva, que denota um ritmo acelerado. Dessa forma, a seguinte passagem demonstra esses aspectos:

Não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdermo-nos numa cidade, como nos perdemos numa floresta é coisa que precisa de se aprender. Os nomes das ruas têm então de falar àquele que por elas deambula como o estalar de ramos secos, e as pequenas velas no interior da cidade mostrar-lhe a hora do dia com tanta clareza quanto um vale na montanha. (BENJAMIN, 2020, p. 78)

O trecho citado faz parte do livro *Rua de mão única – Infância berlinense: 1900* (2020), que reúne uma série de textos, fragmentos e aforismos em que Walter Benjamin registra temas como os seus sonhos, monumentos, galerias, casas, ruas, a partir da observação desses lugares e de sua memória de infância. Benjamin, como elucidou Romero Freitas, transforma suas memórias de infância em objeto de análise histórico-social. De acordo com Marcos de Menezes, o narrador benjaminiano “vive em constante tensão com o espaço narrado, algumas vezes, chega mesmo a não compreender o que se passa ao seu lado, por as transformações são de tal forma vertiginosas, velozes e brutais que mal há tempo para acompanhá-las” (MENEZES, 2003, p. 1). Dessa maneira, dramatiza e projeta a memória e a experiência de onde passa a infância em seu texto:

As pequenas escadas, os alpendres sustentados por colunas, os frisos e as arquiteturas villas do Tiergarten, tudo isso era pela primeira vez por nós tomado à letra. Acima de tudo as escadas, ainda as mesmas, com as suas vidraças, se bem que no interior das habitações muita coisa tivesse mudado. Sei ainda os versos que, depois da escola, preenchiam os intervalos dos batimentos do meu coração quando fazia uma paragem ao subir na escada. (BENJAMIN, 2020, p. 79)

A partir desse fragmento, cabe pensar o quanto o sujeito é suscetível a essas narrações, por ser afetado pela palavra e construir uma imagem mental dele mesmo, de seu corpo e do

exercício em descrever os objetos para perdurar a figura desses elementos na memória. Por certo, Brandão e Pessoa (2019, p. 85) salientam: “Descrever os objetos situados nesses espaços funciona como tentativa de cristalizar o tempo passado, petrificar os lugares da memória. Essa a tarefa do memorialista”.

Para ter uma ideia da importância dessa categoria nos estudos literários, Yi-Fu Tuan notabilizou-se por explorar o tema em duas obras: *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2015) e *Topofilia Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente* (1980). É válido parar e pensar até o momento, a noção dos sentidos, como o tato, o olfato, a visão e o paladar fazem parte e, em grande medida, estão imbricados na perspectiva espacial de cada sujeito, ao se relacionarem com o lugar. O que se estuda neste trabalho envolve, principalmente, essa relação da personagem com o meio ambiente no qual está inserida.

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. (TUAN, 2015, p. 13)

A pesquisa feita por Yi-Fu Tuan traz como linha argumentativa as potencialidades do ser humano para experimentar. O geógrafo sino-americano, que ajudou a propagar e trazer reflexões sobre o lugar no mundo, a partir dos anos de 1970, faz uma abordagem descritiva, em seu livro, explorando uma pesquisa etnográfica, geográfica, literária – sobretudo, humanista. Apesar de ampla, sua exploração com vasta fonte bibliográfica da qual visa mais a questionar ao invés de concluir, retira-se do livro algumas questões para refletir como os seres pensantes se relacionam com a própria natureza e sua prática com o projeto de um *habitat* mais humano (TUAN, 2015). Para se acercar do tema, “‘experenciado’ é vencer os perigos. A palavra ‘experiência’ provém da mesma raiz latina (*per*) de ‘experimento’, ‘experto’ e ‘perigoso’”. (TUAN, 2015, p. 14). Tuan elucida que as emoções contornam e ajudam a colorir a experiência humana, mesclando-se com os níveis do pensamento:

Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência. A outro lugar pode faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turistas e da leitura de um guia turístico. (TUAN, 1988, p. 22)

Ademais, o geógrafo sino-americano explora tanto o significado do termo experimentar quanto o sentido desse ao se relacionar com as sensações que incitam o sentimento em estar no

espaço. Diante disso, “os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade” (TUAN, 2015, p. 20). Entretanto, há a necessidade de questionar e constatar logo em seguida que vivência se descola da experiência, em alguns casos específicos -, até onde foi pontuado nessas argumentações. Noutra linha de pensamento, as pessoas no campo de concentração nazista viveram o trauma e estiveram isentas de simbolizar para tratar desse trauma. A autora Jeanne Gagnebin afirma:

É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade. (GAGNEBIN, 2009, p. 99)

No excerto retirado do livro *Lembrar escrever esquecer* (2009), Gagnebin notou essa problemática da experiência focada em outro viés. Inegavelmente, as pessoas que passaram pelos campos de concentração nazistas estão marcadas por esse passado inalterável e sombrio, marcadas – acima de tudo - pelos traumas; o passado, cuja estrutura o sujeito luta para não acontecer novamente, ou de outras formas, que nada de semelhante acontece, como destacou Theodor Adorno (1970). Por assim dizer, quando a pessoa não consegue dar nome para a ordem do trauma, ele vai ser posto no corpo, caso não ocorra o ato de narrar para sair do sofrimento. É possível acrescentar que, por essa via, o ato de narrar é elaborar; e ser ouvido é encontrar reverberação para a ação do discurso do ser falante. Isto posto, manifesta-se com esse recorte a experiência como aniquilamento do corpo e da linguagem, em não há uma dignidade suficiente para o ato de simbolizar.

Retomando às discussões do autor Yi-Fu Tuan (1980) sobre espaço ficcional, nota-se, pois, no livro *Topofilia – Um Estudos da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente* (1980), o modo interessante como ele contorna as seguintes questões: “Quais são nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado? Como o percebemos, estruturamos e avaliamos? Quais foram, e quais são, os nossos ideias ambientais?” (TUAN, 1980, p. 1). Os temas levantados neste instante são diferentes, no entanto, não deixam a desejar no diálogo com a obra anterior - *Espaço e Lugar*, pois envolvem e problematizam as percepções, atitudes e valores pelas quais o ser humano perpassa no meio ambiente. Tuan, resume os seus conceitos com as seguintes palavras:

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros

retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. A visão do mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra sistema implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrária que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva). (TUAN, 1980, p. 4-5)

Percebe-se, pois, que existem nas teorias sobre o estudo do espaço uma abrangência muito distinta acerca da obra literária, como adverte Allan Torres:

O espaço não é objeto de estudo apenas da Linguística e da Teoria Literária. Há muito tempo, os homens refletem sobre o seu lugar no mundo e o estudam de diversas maneiras. Muito já se falou a respeito das diferentes civilizações e seus espaços em todos os segmentos do saber: Filosofia, Sociologia, História, Antropologia, para citar apenas alguns. Através de vários olhares, de vários recortes, como uma espécie de anatomia, fazendo estudos pormenorizados em diferentes e infundáveis pesquisas, tal categoria foi dissecada. (TORRES, 2015, p. 73)

A intenção nesta pesquisa segue a reflexão em trazer o olhar do visitante, as ações do sujeito deslocado, o qual possui o ponto de vista estrangeiro carregando seus traços culturais e linguísticos. Diante dessa perspectiva, o olhar do visitante e do nativo são distintos, pois, nesse caso, o visitante percebe o avesso da cidade, ao passo que o nativo ignora o que está diante dele todos os dias. Para Yi-fu Tuan:

O visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Em uma sociedade tradicional estável os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do meio ambiente não têm, talvez, muita importância. Em nossa sociedade de alta mobilidade, as impressões fugazes das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas. Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos como compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. (TUAN, 1980, p. 72)

Cabe focalizar em outro ângulo o espaço como reflexo da memória e da identidade. O estudo do espaço não é apenas um dos pontos principais deste trabalho, sem contar que também faz parte de uma categoria dentro dos estudos literários de muita relevância para a compreensão de uma obra, mas é fundamental entender como esses espaços se entrecruzam em uma narrativa.

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de posicionamentos relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida

que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo está. (BRANDÃO, PESSÔA, 2019, p. 68)

Diante dos pressupostos abordados até o momento, optou-se por escolher a premissa de Luis Brandão e Silva Pessôa (2019) e Walter Benjamin (2020), inclinados para as vertentes da análise literária do romance, e Yi-Fu Tuan (1980 e 2015), para pensar a perspectiva da experiência com o lugar. Portanto, os teóricos citados acima corroborarão para compreender esse universo ficcional que mescla elementos e representações da categorial espacial e constroem os aportes teóricos principais para guiar este trabalho.

2.1 LITERATURA DE MARIA VALÉRIA REZENDE: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS

Este capítulo se concentrou em apresentar a contextualização da literatura de Maria Valéria Rezende, bem como algumas considerações da crítica especializada em estudar as obras da autora.

Maria Valéria Rezende é uma das mais instigantes escritoras da literatura brasileira na contemporaneidade. Nasceu no ano de 1942 na cidade de Santos (SP), onde viveu até aos dezoito anos. Depois, mudou-se para a Paraíba, desde 1976, local em que reside até os dias atuais, tendo recebido o título de cidadã paraibana em 2010, “por escolha e por decreto”, como reafirma a romancista em diversas entrevistas. Estudou na Católica de São Paulo, no Sedes Sapientiae, que naquele tempo funcionava como faculdade. Em uma entrevista concedida pela Ana Maria Chiarini, Maria Valéria comenta onde estudou e os caminhos iniciais com a literatura:

Eu não tinha que aprender a língua, tinha que aprender a literatura, e naquele tempo, estudar literatura era uma maravilha, não tinha teórico nenhum, era ler, ler, ler. Eu li Chanson de Roland até Sartre e Camus, que tavam publicando na época. Todo navio tinha lojinhas, sobretudo os de passageiros, mas também os de carga. A gente ia comprar... Mas os livros, era ótimo porque eu pedia. Papai mandava um radio-amador pra um capitão de navio, porque ele era médico de várias companhias de navio. E depois uma coisa maravilhosa que tinha lá em Santos, e isso também foi muito importante para o meu desembaraço com as línguas... (REZENDE, 2020, p. 335-336)

Logo em seguida, após questionada se já escreveu sobre um ambiente multilíngue e multicultural do qual construiu, ela comenta um pouco da infância e família, o que aponta para a influência literária desde cedo:

Não, não... Eu tenho tanto livro pra escrever que não vai dar tempo. Porque assunto não acaba, viu. Eu tô escrevendo dois romances ao mesmo tempo agora. Um é com o meu avô. Ele era genial, era um grande fotógrafo, sabia de cor todo o Gonçalves Dias, todo o Castro Alves, todo Álvares de Azevedo, os poetas românticos todos. Então, uma das coisas que a gente fazia de noite era ouvir o vovô que dizia poemas, e isso até quando a gente já sabia ler tudo. Era divertidíssimo, todos nós sabíamos poemas. Santos então... A gente nasceu sob a batuta cultural da Pagu. (REZENDE, 2020, p. 337)

Outro detalhe importante a ser comentado é o fato de ter se tornado freira aos 24 anos de idade. A escritora disse em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* que foi uma escolha pautada na “ausência do desejo de viver um vida dentro dos moldes que eram reservados às mulheres de seu tempo” (SANT’ANA, 2020).

O nome de Maria Valéria Rezende vem aparecer de modo tardio na literatura, sua produção, nos tempos atuais, vem alcançando mérito, como é o caso do prêmio pela obra *Quarenta dias* (2014), vencedor do Jabuti na categoria romance o livro do ano em 2015. Notabilizou-se também na categoria Infantil, com a obra *No risco do caracol* (2008) e, em 2013, na Categoria Juvenil, outro Jabuti com o romance *Ouro dentro da cabeça* (2012). Seu último romance, *Outros Cantos* (2016), valeu-lhe o Prêmio Casa de las Américas (2017), o Prêmio São Paulo de Literatura e o terceiro lugar no Prêmio Jabuti em 2017.

Além disso, Maria Valéria fez trabalhos primorosos no campo da tradução, como *Cuore* (2012), *Kin* (2012), *Micrômegas* (2014), *Bela Bela ou O Cavaleiro Afortunado*, e *A Bela e a Fera* (2019), e demais obras. A escritora paraibana faz parte e se insere na mesma geração de célebres autores como Conceição Evaristo, Nérida Piñon, Ana Maria Machado, Lygia Fagundes Teles, Lya Luft, entre outras. A produção literária de Maria Valéria se volta para questões sociais, causas migratórias, espaços urbanos, memória e identidade.

A autora é formada em Língua e Literatura Francesa, Pedagogia e mestre em Sociologia, dedicou-se, desde os anos 1960 e na época consumida pelo clima sombrio da ditadura, à Educação Popular, em diferentes regiões do Brasil e no exterior -, tendo trabalhado em todos os continentes¹. Teve um papel de resistência naquele período turbulento do golpe militar do qual relembra com pesar:

Eu tinha vinte e um ano no golpe de 64, fazia parte da liderança da juventude estudantil católica. Então, eu tava envolvida com todo o envolvimento estudantil pelo Brasil inteiro e nós, logo, imediatamente, em 64 começamos a ser vigiados e perseguidos, os meninos foram presos, ficaram uma semana presos, mas aquilo era uma situação de muita tensão. Então, eu voltei pra São Paulo, depois entrei em 65 na Congregação, e a partir daí eu tive sempre envolvida, porque a gente tinha que

¹ Maria Valéria Rezende. Disponível em: <https://www.mariavaleriarezende.com/biografia>. Acesso em: 09.10.2021.

esconder os amigos que estavam correndo risco. Tudo antes do ano de 69. Passei o tempo todo vivendo esse clima que, ao mesmo tempo era de medo e também o clima de resistência². (REZENDE, 2020, transcrição nossa)

Para completar, a pesquisadora Beatriz Resende comenta que Maria Valéria Rezende “foi a responsável por levar as cartas de Frei Betto à Itália, onde foram publicadas originalmente no livro *Cartas de prisão*. Militante contra as injustiças, em 1972 voltou ao Brasil e passou a viver na zona rural de Pernambuco” (2016, p. 4). Escritores, cineastas, músicos passaram pela cultura de resistência. Os trabalhos desses artistas foram silenciados e reprimidos pelos militares que tomavam conta do Brasil. Na expressão do tropicalismo, encontramos produções artísticas como “Roda – Viva”, de Chico Buarque, “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso, “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, entre outras, que tinham como objetivo contestar a repressão que assolava o país naquele período³. Inegavelmente, Maria Valéria retrata em sua produção contemporânea temas que denotam traços daquela fase obscura, em que o sistema opressivo se fazia presente junto ao drama de pessoas desaparecidas. Convém fixar que *Quarenta dias* se constitui em formas de intertextos alguns aspectos dessa fase. Por certo, destaca a escritora:

Por exemplo, a minha personagem em *Quarenta dias* teve um marido que foi um desaparecido durante a ditadura. E depois eu pensei nessa gente, que não ficou conhecida pela comissão da verdade, não foi exilada, não foi torturada e não foi morta, ficou desconhecida. Quer dizer, não se reconhece o seu papel na resistência à ditadura. Então, quando eu escrevi o meu romance, *Outros Cantos* (2016) foi uma maneira não panfletária nem reivindicativa, mas uma maneira meio lírica, meio poética, falando sobretudo do povo, mas também reconhecendo a existência desses militantes que deram décadas de suas vidas pra isso⁴. (REZENDE, 2020, transcrição nossa)

No romance, *Quarenta dias* (2014), o leitor acompanha os acontecimentos que se passam no trânsito de Paraíba à Porto Alegre. Para escrever o livro, Maria Valéria confessa que passou quinze dias nas ruas de Porto Alegre, fazendo de sua perigração, um pano de fundo fidedigno a ser levado para o ficção. Segundo a pesquisadora e crítica Daniele Schrickte Stoll, “essa experiência pode ter sido fundamental para a construção do romance, que faz uma série de referências a locais existentes e marcas urbanas da cidade de Porto Alegre, com os quais a personagem interage ao longo de toda a história” (STOLL, 2020, p. 1).

² Literatura e Ditadura: Maria Valéria Rezende. Disponível em: <<https://youtu.be/RFOjwQCaiZQ>>. Acesso em: 09.10.2021.

³ NAPOLITANO, M.: VILLAÇA, M. M. **Tropicalismo: As relíquias do Brasil em Debate**. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 18. N. 35. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/sielo.php>>. Acesso em: 09/10/2021.

⁴ Literatura e Ditadura: Maria Valéria Rezende. Disponível em: <<https://youtu.be/RFOjwQCaiZQ>>. Acesso em: 09.10.2021.

3. METODOLOGIA

A fundamentação metodológica desta pesquisa é de cunho qualitativo, pautada na análise literária. Por tratar-se de uma pesquisa exploratória, pretende-se utilizar a técnica de abordagem bibliográfica e documental. A isso se deve por dois motivos. De acordo com Gil (2002, p. 44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”; já a pesquisa documental “vale-se de matérias que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45).

No que se refere à fonte primária, os instrumentos de coleta de dados levarão em consideração o romance como elemento essencial. E, após isso, a sua análise, que intenta responder como o espaço se torna o reflexo da memória e a identidade, e como se dá essa relação que estrutura a narrativa no romance *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende.

Quanto à compreensão e o estudo do espaço ficcional dentro do romance; a leitura e o diálogo serão feitos à luz da proposta de Walter Benjamin (2013) em *Rua de Mão única: Infância berlinense: 1900*, passando pelos questionamentos dos autores Luís Alberto Brandão e Silvana Pessôa em *Sujeito, tempo e espaço ficcionais* (2001) e Yi-Fu Tuan em suas duas obras: *Topofilia – Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente* (1980) e *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2015). Assim, o trabalho encontrará base para relacionar essas tendências de estudos literários contemporâneos sobre a representação do espaço urbano.

À guisa de uma reflexão acerca da memória e da identidade, alude-se ao livro *Lembrar esquecer* (2009), de Jeanne Marie Gagnebin, especificamente os capítulos que se inclinam para os conceitos de memória e Aleida Assmann em *Espaços da Recordação – Formas e transformações da memória cultural* (2001), essa que também passa a compor o escopo fundamental deste trabalho.

O trabalho priorizará em seu material teórico estudiosos contemporâneos como as pesquisadoras Silveira (2020) e Sant’ana (2020) sobre as obras de Maria Valéria Rezende. Para dar forma a este percurso, este trabalho se estrutura a partir da exposição de dois capítulos fundamentais e duas subseções, os quais auxiliarão no percurso da pesquisa até a resposta ao problema, e outra seção para as considerações finais. A primeira é de cunho introdutório. O capítulo dois se concentrará em um levantamento das visões teóricas e críticas literárias a respeito da construção do espaço ficcional, como é o caso dos textos de Walter Benjamin (2013), Yi-Fu Tuan (1980-2015) e Brandão e Pessôa (2019). Para contextualizar a literatura de

Maria Valéria Rezende, foi criada uma subseção. O capítulo três concentra na metodologia adotada. O capítulo quatro, Análise do romance *Quarenta dias*, oferece uma análise aprofundada, na qual são enfatizadas as escolhas formais da autora na elaboração de seu romance. Na seguinte subseção, Espaços da memória e identidade, realizar-se-á a análise em que realçam as representações da memória e da identidade.

4. ANÁLISE DO ROMANCE *QUARENTA DIAS*

Neste capítulo, interessa aqui analisar, a partir de um discurso do espaço ficcional, o romance *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende. Caberá mostrar as experiências pelas quais a personagem redesenha o espaço. Além disso, analisa-se o que significa refletir sobre a construção do espaço pelo olhar do estrangeiro.

“Não pergunte por que lhe escrevo. Escrevo porque as palavras estão aí, como a cidade, a noite, a chuva, o rio, diante de mim, dentro de mim, uma torrente de palavras que não me cumprem” (ARNAUD, Marília). Com esta epígrafe *Quarenta Dias* é apresentada aos seus leitores e demonstra a experiência da cidade pelo olhar do visitante. O leitor acompanha os acontecimentos que se passam com a personagem Alice, no trânsito e mudança entre duas cidades: João Pessoa e Porto Alegre. No entanto é em Porto Alegre que a personagem-narradora passará os seus quarenta dias de peregrinação. Nesse espaço, a mudança de lugar se instaura, “Alice é submetida a uma série de imposição que passam a colocar em xeque o seu estilo de vida e modo de se inscrever no mundo” (SILVEIRA, 2020, p. 83). Nas primeiras cenas, o enredo de instala pela viagem da narradora, que leva consigo um caderno, objeto no qual ela escreverá suas andanças, observações e relato do que experiencia na cidade: “O caderno veio na minha bagagem por pura teimosia, mas com um destino oculto, tábua de salvação pra me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu. Talvez. (REZENDE, 2014, p. 9).

A obra apresenta-se como um romance cujo tema é o tempo passado nas ruas e faz referência ao deslocamento geográfico. Alice, a narradora, é obrigada a largar sua casa e amigos na Paraíba por insistência da filha, Norinha, que mora em Porto Alegre e quer que a mãe se mude para perto e a ajude com a futura criança, a qual ainda está nos planos de gravidez. Insegura, desnorteada, a mãe, Alice, acaba cedendo. Mas, ao notar que o que lhe foi prometido é apenas uma ilusão, ela decide fugir. A partir daí, ela se lança numa busca desesperada pelo filho de uma amiga, Cícero Araújo, que teria desaparecido em algum local da periferia. Para descrever a sua epopeia, ela se vale apenas de um caderno escolar, o qual a personagem o chama de *Barbie*, pelo fato da boneca estar estampada na capa do caderno, sua interlocutora fictícia.

O romance está dividido em 34 capítulos ou fragmentos que serão colocados na obra, como é caso dos panfletos recolhidos pelo chão. Além disso, outro detalhe interessante no livro são as epígrafes de autores que, direta e indiretamente, dialogam com os temas e observações de cada capítulo. “Tratando-se da obra de Rezende, é importante ressaltar que a sua produção não apresenta um caráter autoficcional, embora seja amplamente marcada por seu percurso biográfico” (SILVEIRA, 2020, p. 38). Alguns personagens compõem a cena, a iniciar pela

Alice (narradora), Nora (filha de Alice), Milena (diarista), Tia Brites, Umberto (Marido de Norinha), Aldenor (Marido falecido de Alice).

A expressão “Quarenta dias”, que dá título ao livro, logo chama atenção pelo seu significado. De acordo com Naira Nascimento,

Quarenta dias é referência ao tempo passado nas ruas, vagando e dormindo nos recantos mais improváveis da cidade visível. Quarenta dias é também referência ao tempo bíblico de provação passado por Jesus no deserto, resistindo a todas as tentações. (NASCIMENTO, 2020, p. 22)

Assim, a composição do título da obra pode imprimir logo no início da narrativa uma intertextualidade que vai sendo repetida e confirmada pela personagem diversas vezes: “Quarenta dias no deserto, quarenta anos” (REZENDE, 2014, p. 18) e em “Continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade” (p. 235). Dessa maneira, a malha textual do texto de Maria Valéria vai sendo costurado pela intertextualidade – apesar de não ser um tema a ser explorado com afinco, será ponderado pela sua importância. Percebem-se, pois, várias referências intertextuais em outros aspectos, um deles está no próprio nome da personagem “Alice”, o qual merece destaque, por ligar-se ao mesmo nome da personagem na obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Outrossim, há uma epígrafe no enredo da narrativa que corrobora com o sentido dessa intertextualidade ao citar: “[...] tão de repente que Alice nem teve tempo de tentar parar antes de despencar no que parecia ser um poço fundo” (CARROLL (1865) apud Rezende (2014, p. 73).

Assim, é possível relacionar esse traço da narrativa voltado para esses ecos intertextuais, os quais convocam os estudos de Linda Hutcheon (2006) em *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. A autora vai dizer que nenhuma obra literária pode ser considerada original; um texto só adquire importância como parte dos discursos anteriores (HUTCHEON, 2006). Decerto, ela afirma que adaptações podem ser vistas como uma transposição de um já obra já conhecida, em um processo reinterpreativo: “Na verdade, uma obra literária já não pode ser considerada original; se o fosse, não poderia ter sentido para seu leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância” (HUTCHEON, 1991, p.166).

Traçando uma linearidade de pensamento, é interessante considerar que “a obra literária entra sempre numa relação de realização, de transformação ou de transgressão. E é, em grande parte, essa relação que a define” (LAURENT, 1979, p. 5). Seguindo a mesma linha de raciocínio:

O que caracteriza a intertextualidade é introduzir a um novo modo de leitura que faz estalar a linearidade do texto. Cada referência intertextual é o lugar duma alternativa: ou prosseguir a leitura, vendo apenas no texto um fragmento como qualquer outro, que faz parte integrante da sintagmática do texto – ou então voltar ao texto-origem, procedendo a uma espécie de anamnese intelectual em que a referência intertextual aparece como um elemento paradigmático “deslocado” e originário duma sintagmática esquecida. (LAURENT, 1979, p. 21)

A fim de corroborar com o pensamento supracitado, ao escrever *Texto, crítica, escritura* (2005), Leyla Perrone-Moisés argumenta a possibilidade de existir uma verdadeira intertextualidade crítica. Analogamente, tem-se o uso das citações, em que é “um dos processos mais clássicos da crítica literária já é, em certa medida, uma paródia” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 71). Conquanto, Perrone-Moisés convoca a pensar que o mais interessante “não é uma simples adição de textos, mas o trabalho de absorção e de transformação de outros textos por um texto, trabalho dificilmente realizável num tipo de crítica ciosa de declarar suas fontes” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 71). De modo comparativo, foi possível constatar no romance *Quarenta dias* um número considerável de citações diretas, como é o caso das epígrafes em cada capítulo da escrita no caderno. Na presença dessas vozes estão os seguintes autores: Marília Arnaud, Luci Collin, José Luís Peixoto, Edson Amâncio, Maria José Silveira, Rosângela Vieira Rocha, Wislawa Szymborska, Daniel Pellizzari, Mo Yan, Ricardo Lísias, André R. Aguiar, Lewis Carroll, entre outros.

Nos primeiros episódios, a experiência com a mudança forçada se firma nos questionamentos da personagem: “[...] dizer claramente pra mim mesma o que tinha vergonha de dizer a qualquer pessoa, vergonha de dizer o que minha filha fez comigo?, ou da minha raiva, do meu próprio egoísmo querer ter minha própria vida?” (REZENDE, 2014, p. 42). O romance reflete os espaços da cidade que vão se compondo durante a procura incessante por notícias de Cícero Araújo, que desenha o quadro narrativo. Tratando-se de outro ponto, tem o emprego da linguagem mais próxima do coloquial, com a predominância de expressões regionais, quer dizer, uma rede de exemplos de variação linguística geográfica insinuados nos trechos: “Mãinha tudo bem com você?, se cuide, viu! Saia de casa, vá se distrair!, um cheiro...” (REZENDE, 2014, p. 20). Seguindo o recorte e ao longo da leitura, as pontuações (vírgulas e pontos) se tornam, em muitos momentos, ausentes, quiçá isso seja para demonstrar a escrita no caderno mais próxima de um ensaio, em que não há a necessidade de revisão ou correção, o que fica claro no final do livro: “quem sabe ainda reabro estas páginas, passo tudo a limpo” (REZENDE, 2014, p. 245). Escrever da maneira como se experiencia, escrever sem preocupar com as normas, tal como se faz em anotações de cunho pessoal, sejam essas no celular, no bloco de anotações, diários.

A estrutura da narrativa se constrói a partir de contextos simples. As cenas se enriquecem na medida em que as passagens pelas ruas vão pintando o quadro da ambientação e, com isso, se ligam com a temática de pensar as experiências nesse espaço. Assim, é possível comprovar que Alice representará o olhar de narrador por outra perspectiva, que é a do visitante.

Pronto, “my friend”, viu que promovi você a “friend”, Barbie? Saí andando, pensando em tudo o que ainda preciso escrever pra não sentir mais aquele frio na barriga, aquele apanheio que me dá quando me vejo de novo na rua, como se ela me agarrasse e não quisesse mais largar, arrastando-me, rua-rio de novo. [...] Acho que meus quarenta dias de loucas andanças me tornaram uma atleta. (REZENDE, 2014, p. 65)

Convém fixar no trecho acima, o termo “rua-rio”, a rua ao lado e sendo comparada ao mar. A isso se deve o fato de que a imagem do mar se refere à imensidão, sem borda, sem travessa e sem final. Desse modo, se dá o sentimento de criar formas ao observar o espaço. A personagem percorre por 40 dias as ruas da cidade em busca de Cícero Araújo, entrando em locais que emergem lembranças, choques culturais por se encontrar em um espaço estrangeiro. O sujeito se torna um estrangeiro, pois ele percebe o que é característico daquele lugar, que o nativo não percebe, porque sempre esteve ali na frente dele, uma vez que o estrangeiro consegue captar o avesso da cidade. Por isso, conforme Brandão e Pessoa (2019, p. 68): “O espaço seria, em primeiro lugar, aquilo que podemos perceber através de nosso corpo. O espaço que ocupo seria, especialmente, aquele que vejo”. Por sua vez, Yi-Fu Tuan afirma: “O ponto de vista do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. A confrontação com a novidade, também pode levá-lo a manifestar-se” (TUAN, 1980, p. 73). Ademais, são as emoções que fornecem a paleta de cores a toda experiência humana, a contar pelos níveis altos do pensamento (TUAN, 2015). Igualmente, Alice apresenta um quadro de novidades ao observar o pôr do sol e o nome das ruas:

Eu que sempre achei que tenho uma bússola na ponta do nariz, não conseguia me orientar nesta terra onde o sol está sempre pendendo pra algum lado impossível de identificar. (REZENDE, 2014, p. 97)

[...]

Só depois fui aprendendo que aqui as avenidas são andróginas: a Bento, a Borges, a Protásio, a Sertório, a Nilo, e por aí vai (REZENDE, 2014, p. 98).

A partir dessa passagem, nota-se um signo de estranhamento voltado para a desorientação na cidade que, conforme Tuan (2015), o espaço é dado pela capacidade de se movimentar. Na prosa benjaminiana, há um jogo com a imagem do labirinto, as ruas sendo um lugar onde o personagem se perde como se perdesse em uma floresta. Em consonância com a ideia de labirinto, na interpretação da obra *O mal-estar na civilização* (1974), de Sigmund

Freud, é possível depreender o sentimento de incompletude. A civilização criará esse sentimento que joga com a incompletude. Por exemplo, quando o sujeito fica diante do mar, o mar não aparenta ter fim.

Não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdermo-nos numa cidade, como nos perdemos numa floresta é coisa que precisa se aprender. Os nomes das ruas têm então de falar àquele que por elas deambula como o estalar de ramos secos, e as pequenas vielas no interior da cidade mostrar-lhe a hora do dia com tanta clareza quanto um vale na montanha. (BENJAMIN, 2020, p. 78)

Walter Benjamin, em seu texto *Tiergarten*⁵, passa a mensagem de que se perder na floresta demanda coragem, ou seja, o sujeito escolhe se perder, de modo proposital, para aprender. De modo análogo, Alice exprime por intermédio de suas impressões ao andar pelas ruas da cidade:

[...] dessa vez prestando atenção à placa, Rua Juarez Távora, pra não me perder demais, ou pelo menos pra poder escolher se queria ou não me perder, e fui dar numa praça onde estavam mulheres conversando e crianças brincando. (REZENDE, 2014, p. 127)

A narradora do romance, Alice, tece criando uma rede de sentidos e significados para continuar existindo na cidade, o leitor acompanha a voz da personagem que, na pós-modernidade, tenta reencontrar o sentido das coisas nas palavras, por isso escreve: “Ontem descansei um bocado, estirada no sofá branco e agarrada com um livro, lendo o que outros contaram. Fiquei imaginando o quanto lhes custou escrever ou se, como eu, escreveram pra desabafar e se aliviar. Agora é minha vez” (REZENDE, 2014, p. 127).

No artigo intitulado *A idade e a escrita do corpo em Quarenta dias* (2016), as autoras Beatriz Resende e Nismária David fazem a análise da obra a partir da experiência do contato entre o corpo da protagonista e a cidade. As pesquisadoras aludem a Beatriz Sarlo (2014) e Pesavento (2002) sob as óticas de traduzir o espaço urbano e justificam a escolha da obra *Quarenta dias* pela forma como essa explora o lugar da violência e de alteridades. De fato, a narradora confessa: “Cheguei à rua, outra vez sem destino, continuei pela mesma calçada e, como sempre, um anjo qualquer, aquele era dia de anjos, Barbie” [...] (REZENDE, 2014, p. 183). Igualmente, esse episódio, entre tantos, manifesta a falta de objetivo na cidade. Como conduz os autores sobre esse aspecto: “Detecta-se a necessidade de desterritorializar-se, não pertencer a lugar nenhum, estar em trânsito permanente” (BRANDÃO, PESSÔA, 2019, p. 82).

⁵ Grande parque no centro de Berlim.

Até o momento, isso convoca a questionar: Por que o sujeito quer, então, viver? Quais são as suas lutas a serem abraçadas? O sujeito cria formas para se afastar do fim, porque ele, precisamente, sabe que irá morrer e, como consequência, faz invenções para valer esse tempo. De forma linear, o tema aparece no poema de Fernando Pessoa, em seu poema Tabacaria:

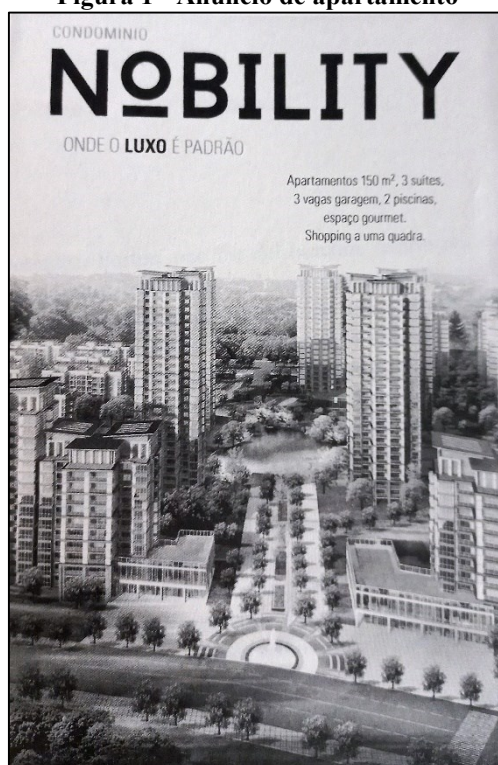
Não sou nada.
 Nunca serei nada.
 Não posso querer ser nada.
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo
 [...]
 Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
 Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
 E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!⁶

No trecho e na voz de Álvaro dos Campos, é virtualmente por não ser nada que ele passa a constituir alguma coisa. Se houvesse um desígnio natural para ele, já seria alguma coisa. Por outro lado, a ideia principal está no fato de ele não ser, de imediato, coisa alguma, tal como Nietzsche, Fernando Pessoa lembrou dessa potência. Em outro viés, cabe colocar na esteira de pensamentos a ideia de metáfora ser tão importante. A arte, ela é em si por excelência, pois a vida humana seria insuportável, caso o ser humano tivesse que lidar o tempo inteiro com aquilo que o aflige. A vida não tem forma, então se cria as formas de vida, a forma como uma pessoa vai mostrar isso aos outros e a ela mesma. Para que o seu pensamento possa chegar ao outro, é preciso desenhar e articular uma forma para chegar ao outro.

Os autores modernos como Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire, Walter Benjamin, Fernando Pessoa já introduziam o tema da cidade em seus textos. Em *Quarenta dias* se costuma enxergar o *flâneur*, como quem não tivesse um destino por mais que – aparente de modo provisório, faça da busca por Cícero Araújo um objetivo do qual vai abraçar, passando a maior parte de seu tempo nas ruas.

⁶ PESSOA, Fernando. **Obra poética de Fernando Pessoa**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Figura 1 - Anúncio de apartamento



Fonte: Rezende (2014, p. 42)

A Figura 1 é incorporada ao enredo, não só ela, mas uma série de outros cartões e panfletos publicitários são colocados no caderno. Com efeito, de acordo com a figura, o processo de modernização pelo qual a cidade passa é um processo inacabado; a cidade está sempre em constante transforção, os edifícios construídos cada vez se tornam mais altos, cobrindo a paisagem do céu, da lua, das árvores:

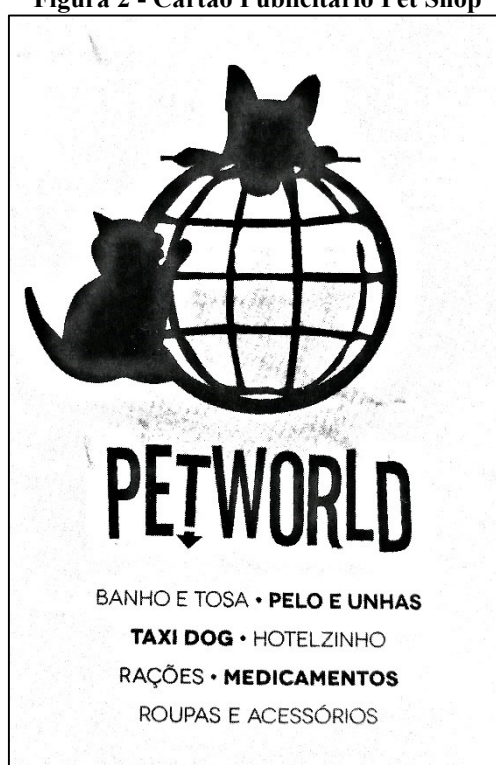
O sol já está baixando, daqui só se veem os últimos raios batendo num lado dos edifícios e das árvores, desenhadas na borda das silhuetas com um fiozinho de luz. Taí uma coisa que eu estou gostando nesta cidade, é o longo entardecer com essa luz rasante pra fotógrafo nenhum botar defeito... (REZENDE, 2014, p. 135).

Ainda sim, as transformações pelas quais a modernidade vai deixando os seus rastros, se tornam comuns a criação e domesticação de animais que, a partir disso, aparecerão os pet shops, de acordo com a figura 2, lojas para cuidarem dos animais: “Um cachorrinho labia insistentemente a faixa nua entre a meia e a barra da calça na minha perna esquerda. Na outra ponta da corrente presa à coleira do bicho estava a menina loura (REZENDE, 2014, p. 164). As dinâmicas dessa cidade funcionam com pontos de vistas diferentes ao se retratrem do aspecto social.

Havia menos gente nos bancos, alguns lugares vagos, esparsos, Zelima me orientou pra um deles, no canto perto da porta, Fica aqui que dá pra tu encostar a cabeça de lado, nessa coluna, tu precisa descansar, até dormir um pouco. Obedeci, agradecida. Ela perguntou alguma coisa no balcão e foi sentar-se em outra vaga, mais pra dentro.

Existe um eixo importante no contexto narrado, baseado na figura 2, em que detecta um problema que desponta na cidade. A personagem – ao dormir em terminais rodoviários -, sinalizou essa problemática que está voltada para os que ficam à margem na cidade: os moradores de rua.

Figura 2 - Cartão Publicitário Pet Shop



Fonte: Rezende (2014, p. 79)

E, nesse ínterim, Alice confirma: “Sabe o que descobri nessas minhas viagens?, os muito ricos e os muito pobre são iguais em toda parte” (REZENDE, 2014, p. 149). Por certo, Raquel Silveira (2020), em sua pesquisa, havia alertado esse contexto no qual a obra se configura ao mostrar estas perspectivas sociais: a espoliação urbana, a violência, a favelização. Noutras palavras: a autora “denuncia as condições de vida do meio urbano, a cidade dividida entre ricos e pobres, fazendo tanto a descrição do espaço físico quando do espaço social em que circula as figura humanas que cruzam seu caminho” (RESENDE, 2016, p. 15).

Nos episódios finais, há uma passagem voltada para o habitante do espaço urbano que, segundo Brandão e Pessoa (2019), é concebido como um sujeito rasurado e deslocado:

Várias vezes, porém, me reaparecia a necessidade de procurar por Cícero, talvez apenas pra marcar compasso naquela andança fluida e dar-lhe de novo algum sentido, fazia de conta que ia em busca dele e tomava um ônibus qualquer, até um terminal de onde partiam outras linhas para os municípios em torno de Porto Alegre, descia no ponto finale recomeçava a periguar, olhando o que houvesse, avenidas e becos perguntando por Cícero Araújo (...) (REZENDE, 2014, p. 214)

Contudo, Maria Valéria trabalha com a temática do espaço em mostrar a personagem sem destino, característico de um andarilho, tão bem explorado na ficção de Walter Benjamin. Nesse sentido, o romance reflete o papel social problematizando através das observações enquanto andarilha, nos rastros dos seus quarenta dias de peregrinação (REZENDE, 2014).

4.1 ESPAÇOS DA MEMÓRIA E IDENTIDADE

Ao escrever *Espaço da recordação – formas e transformações da memória cultural* (2011), Aleida Assmann focaliza os espaços da recordação, memória, identidade, a começar pelo próprio título. Há nesses espaços, um capítulo interessante, entre tantos – caso eu fosse perfilar e escrever cada um deles -, o que se chama *Metáforas temporais da memória*. Decerto, a referida autora utiliza o seguinte subtítulo: *Engolir, ruminar, digerir*. De antemão, pode inferir que a palavra “ruminar”, componente do título, logo chama atenção pelo seu significado. Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009, p. 1685): ruminar quer dizer “regurgitar e novamente remastigar (alimento)”. Ainda por cima, ruminação quer dizer, “processo fisiológico no qual o alimento é mastigado, e mais uma vez deglutido” (HOUAISS, 2009, p. 1085). Assim, a composição do subtítulo já induz a pensar por meio dessas metáforas o processo que a memória vai passar. Com efeito, Assmann faz o empréstimo dos pensamentos de George Eliot e Agostinho, os quais dizem:

‘Assim que chamamos o cérebro de estômago mental’, escreveu George Eliot. A conformação de imagens da memória como um estômago remonta a Agostinho, que no século IV escreveu o seguinte em suas Confissões: [...] a memória é, por assim dizer, o estômago da alma. A alegria e a tristeza são como o alimento, que ora é doce, ora é amargo. (ASSMANN, 2011, p. 178)

Em vista disso, tanto na exclamação de George Eliot quanto em Agostinho, citados por Assmann, elaboram essas imagens de transposições dos órgãos biológicos. Como resultado, o cérebro transforma-se em estômago, bem como a memória é o estômago da alma, no viés de

Agostinho. Decerto, “a imagem do estômago sugerida por Agostinho é uma imagem para a memória em condição de latência entre ausência e presença” (ASSMANN, 2011, p. 179).

Em outro viés, Marie Gagnebin, ao citar Aleida Assmann, elucida que a autora “se detém ainda numa outra metáfora-fundadora de nossa concepção de memória e de lembrança: a da escrita, este rastro privilegiado que os homens deixam de si mesmos” (1999, apud ASSANN, 2009, p.111). Em conformidade com a narrativa, Alice – a protagonista de *Quarenta dias* – ao andar pelas ruas da cidade, aciona a memória de seu antigo lar:

Atravessei o que faltava do parque até dar em outra avenida e vi a placa, que sorte!, Av. João Pessoa. Achei primeiro que era de bom augúrio, mas logo me doeu a saudade, querendo voltar pra casa, minha verdadeira casa, que ali eu não tinha nenhuma, só um pouso temporário, eu habitante provisória de agora em diante, pra sempre impermanente. (REZENDE, 2014, p. 166)

Traçar os desenhos metafóricos desses caminhos pelos quais a memória transcorre, fez – tangencialmente – buscar e mencionar alguns autores que evocam a memória inclinados para a análise ficcional; de tal modo elucubra os liames dos espaços narrativos, em que “muitas vezes as personagens existem em um universo que é constantemente rearranjado pela memória” (BRANDÃO; PÊSSOA, 2019, p. 83).

O que deixei pra trás o que me obrigaram a deixar pra trás, lá ficou, na antiga vida da contente e pacífica professora Póli. Não tinham mais nada a ver com essa estranha Alice, desenraizada, desaprumada, que nem eu mesma conhecia. Não me lembrei de você naquele momento, Barbie. (REZENDE, 2014, p. 84)

Tendo em vista o fragmento, a personagem passa por uma reorganização da identidade, que nesse exemplo corresponde a duplicação dela mesma, por um lado ela se reconhecia com a professora “Póli”, já por outro, enxergava outra personalidade, logo depois da mudança de identidade -, deslocada de seu lugar de origem. De modo recorrente, a personagem se coloca como se estivesse enfrentando duas personalidades ao mesmo tempo – a antiga e a atual. É pertinente salientar, por outro viés, o processo de escrita da personagem, o uso de diário como registro de suas experiências, levando em conta que o caderno funciona como um dispositivo-objeto para lutar contra o esquecimento; o próprio caderno também é o objeto metafórico da escrita. Assim, diz Assmann: “Nos escritos dos literatos mais tardios, tornou-se um topos fixo de noção de que a escrita permanece intocada pela ação destrutiva do tempo e de que ela representa um médium único para a imortalidade” (ASSMANN, 2011, p. 195).

Walter Benjamin já usava o recurso parecido, por se tratar *livro-rua*, um *livro-cidade*, em que se registram aforismos e fragmentos, suas observações sobre os caminhos da lembrança

e do pensamento. De fato, “a escrita se relaciona essencialmente com o fluxo narrativo que constitui nossas histórias, nossas memórias, nossa tradição e nossa identidade”. (GAGNEBIN, 2009, p. 111). Por certo, Alice – a protagonista de *Quarenta dias* – ao ver nos espaços o reflexo da memória de sua infância, elabora suas reminiscências:

Devo ter lutado a noite toda comigo mesma entre sonhos e pesadelos, e a sensata professora Póli acabou vencendo, pelo menos provisoriamente, porque acordei logo cedo, disposta a deixar pra lá o ressentimento, ser realista, encarar as coisas como eram agora, como gente grande, voltar ao meu tamanho normal (...) (REZENDE, 2014, p. 52)

Raquel Mariane da Silveira, em sua dissertação *Outras Cartografias – a narração de espaços e sujeitos à margem em romances de Conceição Evaristo e Maria Valéria Rezende* (2020), detectou na estrutura da narrativa de Maria Valéria, que essa se faz em torno de fragmentos, de tal forma que menciona o embaralhamento confessado pela própria narradora ao conduzir o seu relato; ainda assim, “tal embaralhamento pode ser explicado pelo fato de a narrativa ser terciada por meio da memória também resulta do fato de a composição ser realizada a partir da junção de resíduos (SILVEIRA, 2020, p. 81). Nota-se, pois, as epígrafes contribuindo no sentido e significação do fazer memorialístico: *Memória destroçada/ Qualquer lembrança é melhor que nada* (Lau Siqueira). Puxando o gancho de pensamento, a memória e identidade estão ligada por uma linha tênue, assim advertido por Assman, ao citar os textos de Wordsworth para elaborar essas duas temáticas em uma análise ficcional:

Wordsworth faz da construção da identidade pessoal seu projeto épico. Com isso, a recordação se torna para ele o medium mais importante. Recordação significa, para Wordsworth, primeiramente reflexividade, observação de si próprio no fluxo do tempo, flexão sobre si, divisão de si, duplicação de si. Como já ocorria nas autobiografias puritanas, o eu desdobra-se em um eu que recorda e outra que é recordado (ASSMANN, 2011, p. 112)

A partir do fragmento, no entanto, há uma problemática que gira em torno da “memória” e “recordação”. Para Wordsworth, citado por Assmann, é asseverado que o autor se distancia da concepção de memória como armazenador, ou melhor: “Distancia-se da noção de registrar, conservar, resgatar e, ao contrário, assume o pressuposto da perda irrecuperável e da recriação suplementar (ASSMANN, 2011, p. 117). Contudo, os dois termos separam-se por uma linha limítrofe, mas sem excluírem entre si a possibilidade de estarem ancorados num texto, por exemplo: “Certamente, as duas palavras sempre deram ensejo, então a *memória* surge como habilidade virtual e substrato orgânico, ao lado da *recordação* como procedimento presente e imediato de fixação e evocação de conteúdo específicos” (ASSMAN, 2019, p 163). Em outro

liame, estudado por Assmann, a crítica se desenvolve de maneiras distintas acerca da identidade; primeiro tem-se a visão de identidade para Locke, e em segundo tem-se o que Hume defende como “ficções”:

Locke fundamenta o indivíduo filosoficamente a partir da consciência, da autorreflexão e da recordação. Podemos designar esse feito específico com a expressão feliz de H. Weinrich: “a função da memória como ponte”. Nela Coleridge viu o significado central da nossa consciência atual com o nosso passado – da separação de ambos surgem quase todos os erros nocivos [...], e isso tanto na educação como na estrutura da sociedade⁷. (ASSMANN, 2011, p. 109)

Tal conceito se configura e se estende pelo enredo, numa tentativa de recuperar o que fora antes. Um traço característico em Proust, “ele é um viajante numa região escura procurando por algo esquecido em sua bagagem, e que não consegue lembrar o que ele deveria encontrar nesse país ao mesmo tempo estrangeiro e próximo” (GAGNEBIN, 2009, p. 157). As experiências íntimas, com pessoas ou objetos despendem, isso porque “A recordação é im procedimento poético controlado em que *memoria* e *imaginatio* se interpenetram” (ASSMANN, 2011, p. 116). De fato, à luz do conceito, convém assinalar:

Quando precisava respirar e me distender, era ali que eu me punha, os cotovelos apoiados no parapeito, a olhar vaga e sonhadora pra única paisagem possível, um casarão arruinado do outro lado da rua. Minha imaginação de quase menina, leitora voraz de contos de fadas durante a infância e de romancinhos de banca de jornal na adolescência, viajava longe. (REZENDE, 2014, p.230)

Ainda nessa perspectiva, as lembranças de objetos pessoais, móveis e afins, fazem parte do lar, considerado um lugar íntimo e que traz a sensação de conforto. Segundo o pensamento de Yi-fu Tuan, “a casa como lugar está cheia de objetos comuns. Eles são quase parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos” (2015, p.155). Fato esse, que a narradora faz:

Fui preparar e tomar café com saudade dos meus velhos móveis, por onde andarão eles?, “who knows?, Barbie?, com entalhes que acomodavam confortavelmente alguma poeira sem dar a impressão de sujeira, saudades de meu antigo chão de cerâmica fresca pra se pisar descalça no calor, sem tapete nenhum pra empatar a limpeza. (2014, p. 54)

O caderno se torna uma espécie de *persona*, um interlocutor importante para mediar o espaço da memória e por onde a personagem descreverá a reconstrução da sua identidade. Portanto, apresenta-se no episódio final de *Quarenta dias*: “Chega, Barbie, chega por hoje, vou

⁷ SNYDER, Alice D. **Coleridge on Logic and Learning. With selections from the Unpublished Manuscripts.** New Haven, 1929, p. 60.

pro meu sofá branco e abrigado (REZENDE, 2014, p. 219). O termo “abrigado” que é ao mesmo tempo o lugar de abrigo e uma forma de agradecimento por ter acompanhado a Alice – Poli nas ruas de Porto Alegre.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foram investigados, sob a luz do pensamento de Yi-Fu Tuan (1980 e 2015), o espaço e lugar, a perspectiva da experiência no enredo de *Quarenta dias*, bem como a memória e a identidade. Ainda mais, foram indicados os elementos intertextuais que comparecem na obra de Maria Valéria Rezende. Essas vertentes teóricas serviram para interpretar o texto e realizar a análise da narrativa.

Para tanto, foi discutida a ideia de espaço ficcional como processo de criação literária, a qual comparece como uma das categorias fundamentais no campo da literatura. Assim, Marisa Gama-Khalil sinalizou a importância em investigar o espaço como tendência de estudos literários contemporâneos que, apesar da relevância para a crítica literária, ainda necessita de atenção. Como meio de traçar diálogos pertinentes, foi explicitado e discutido vieses sobre a literatura que acerca o tema do espaço ficcional, abordado por Luis Brandão e Silva Pessoa (2019), atrelados ao estudo da experiência do espaço e lugar em Yi-Fu Tuan (1980 e 2015) e Walter Benjamin (2020).

Sendo assim, João Pessoa e Porto Alegre são cidades, em que foram explorados a riqueza da ambientação, com ênfase na segunda, a estrutura da cidade, além de funcionarem elemento para a recorrência da memória e desterritorialização da personagem, pois, conforme Brandão e Pessoa (2019, p. 68): “quando falamos de espaço na análise de uma narrativa literária, pensamos, imediatamente, no espaço físico por onde as personagens circulam”.

Em síntese, foi analisado a narrativa *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, a partir do universo criacional da obra, o qual segue a coerência interna do texto. No romance, são tratadas questões pertinentes para formação da consciência do mundo contemporâneo, tais como: a visão do estrangeiro, a perspectiva da experiência no espaço e lugar, a memória e identidade como construto e conflito do sujeito na pós-modernidade. Portanto, após a análise do texto, foi possível alcançar o objetivo de mostrar os efeitos dos elementos ficcionais sobre a narrativa.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação – formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Tradução: João Barrento. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão única: Infância berlinense: 1900**. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BRANDÃO, Luís Alberto; OLIVEIRA, Silvana Pessôa. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- CHIARINI, Ana Maria. **Entrevista com Maria Valéria Rezende**. Cad. Trad., Florianópolis, v. 40, nº 1, p. 328-345, jan-abr, 2020.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Sombras da cidade o espaço na narrativa brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 21, p. 33–53, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9619>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários**. Revista da Anpoll, [s. l.], v. 1, n. 28, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i28.166>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: [s. n.], 2002. ISSN 0100-5502. v. 38 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-55022014000400014>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Imagoed. Rio de Janeiro: 1991, 1991. E-book.
- JENNY, Laurent. **A estratégia da forma**. In: TRAD. CLARA C. ROCHA (org.). Intertextualidade. Almedinaed. Coimbra: [s. n.], 1979. p. 5–49.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. 10ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- NASCIMENTO, Naira de Almeida. "Carta à rainha louca" e "Quarenta dias": tempos históricos em processo de refração. In: _____. MORAIS, Eunice (org). **Leituras de Ficção histórica: Literatura, cinema, identidades**. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020.
- MENEZES, Marco Antonio. **Benjamin: Olhares sobre o urbano**. João Pessoa, 2003.

PELLEGRINI, Tânia. **A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade**. Artigo apresentado na IV JALLA, Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana, em Cusco, Peru, realizadas de 9 a 13 de agosto de 1999.

RESENDE, Beatriz Viera de; DAVID, Nismária Alves. **A cidade e a escrita do corpo em Quarenta dias**. n. 30. Vitória: Revista Contexto, 2016.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora e livraria brasiliense, 1988.

SANT'ANA, R. C. **O sertão e a cidade no universo feminino de Maria Valéria Rezende**. Juiz de Fora, 2020.

SILVEIRA, Raquel Mariane da. **Outras cartografias: a narração de espaços e sujeitos à margem em romances de Conceição Evaristo e Maria Valéria Rezende**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, 2020.

STOLL, D. S. The flânerie of an urban walker. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 1, p. 57230, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000100207&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25/4/2021.

TORRES, Alan Bezerra. **Manuel de Barros: a poética da infância e dos espaços**. 1 ed. – Curitiba: Appris, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira – Londrina: Eduel, 2015.

TUAN, Yi- Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL/ Difusão Editorial, 1980.